



Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC

Vol. 2 nº 2 (4), agosto-dezembro/2006, p. 113-126

www.emtese.ufsc.br

As contribuições teórico-metodológicas de E. P. Thompson: experiência e cultura

Suely Aparecida Martins*

martins_sue@hotmail.com

Resumo:

O artigo destaca as contribuições teórico-metodológicas do historiador marxista Edward Palmer Thompson e que podem ser úteis para a pesquisa sociológica. A partir de pesquisa bibliográfica, apresenta-se uma breve biografia do autor e em seguida algumas categorias importantes desenvolvidas por ele, como experiência e cultura. Ressalta-se também a ênfase de Thompson em tratar as categorias teóricas considerando-se a processualidade histórica. Por fim, são levantadas algumas possibilidades de análise da juventude do campo na atualidade a partir das contribuições teórico-metodológicas desse autor.

Palavras-chave:

Marxismo, Experiência, Cultura, Ontologia, Juventude.

Abstract:

The article focuses the theoretical-methodological contributions of Marxian historian Edward Palmer Thompson and how they may be useful for sociological investigation. Based upon a bibliographic research, it is presented a short biography of Thompson and some of his seminal categories, as experience and culture. The article also focuses

* Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão – PR e membro do Grupo de Pesquisa Sociedade, Trabalho e Educação. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC.

Thompson emphasis on the importance of handling theoretical categories as referred to the historical process. Finally, some possibilities of analysis are put forward concerning Thompson's categories, and as a case study, the everyday life of rural youth in Brazilian South region.

Key words:

Marxism, experience, culture, ontology, youth.

Introdução

Esse artigo tem como objetivo apresentar algumas das contribuições teórico-metodológicas do historiador marxista Edward Palmer Thompson para a pesquisa social.

Ao falar sobre a necessidade de resgate do marxismo como conhecimento científico, crítico e projeto emancipador, Michael Lowy (1997), chama a atenção para o fato de que voltar a Marx, significa também retornar a boa parte da produção teórica e prática produzida no decorrer do século XX. Segundo esse autor: “são os marxismos do século XX – partindo de Marx, mas indo bem mais além – que nos ajudaram a compreender o imperialismo e o fascismo, o estalinismo e a sociedade do espetáculo, as revoluções sociais nos países periféricos e as novas formas de capitalismo” (Lowy, 1997, p. 21). Entre os diferentes autores citados por Lowy que ajudaram a construir o marxismo no século XX e que devem ser revisitados está Thompson.

Moraes e Muller (2003, p. 06), por sua vez, destacam que retornar a Thompson no século XXI significa “uma defesa da razão e forte contraponto ao ceticismo epistemológico corrente, à visão relativista que nega a possibilidade do conhecimento objetivo e ao atual anti-realismo...” Dessa maneira, para esses autores, a contribuição de Thompson extrapola o âmbito disciplinar a qual está vinculado, ou seja, a história, trazendo contribuições teórico-metodológicas importantes para outras ciências, como a sociologia, por exemplo.

Assim, este artigo, se propõe a breve incursão sobre as contribuições teórico-metodológicas de Thompson. Acredita-se que tais contribuições são importantes pelas razões citadas acima e também por Thompson ter sido capaz de desvencilhar-se de uma perspectiva dogmática do pensamento de Marx e procurado, por meio de suas pesquisas históricas, colocar-se em constante diálogo com esse autor.

Após breve apresentação biográfica de Thompson, serão expostas algumas de suas contribuições pertinentes para as discussões teórico-metodológicas da sociologia, ou seja, a importância de a realidade histórica ser compreendida como processo, a categoria experiência como relação entre ser social e consciência social, a lógica histórica como defesa da necessidade do diálogo permanente entre teoria e evidências no processo de construção do conhecimento científico. E, por fim, serão tecidas algumas considerações acerca da possibilidade de se pensar a juventude do campo na contemporaneidade a partir destas contribuições.

Biografia de Thompson: teoria e prática¹

Edward Palmer Thompson nasceu em 1924, na Inglaterra. Tudo indica que sua militância política teve origem na família, tendo sido influenciado especialmente pelo irmão mais velho Frank Thompson² e, seguindo seu exemplo, quando estudante de História na Universidade de Cambridge, filiou-se ao Partido Comunista. Durante a Segunda Guerra Mundial interrompeu seus estudos para ir combater nas frentes africana e italiana. Posteriormente, Thompson também se alistou em uma brigada de solidariedade pela Iugoslávia.

Em 1946, Thompson graduou-se em História na Universidade de Cambridge, vindo a dedicar-se, até os meados dos anos de 1950, aos estudos sobre a tradição da dissidência inglesa, do qual surgiu seu primeiro livro, uma biografia do poeta e revolucionário inglês William Morris. Nesse mesmo período, foi admitido nos quadros do Departamento de Cursos de Extensão da Universidade de Leeds, onde foi trabalhar com educação de adultos, “em um ramo universitário classificado como ‘extramuros’, ‘extracurricular’, porque dirigido a um público não acadêmico” (Fortes et al, 1998, p. 16). Vale destacar que das discussões possibilitadas nesses cursos, segundo o próprio Thompson, surgiu *A formação da classe operária inglesa*, livro desse autor publicado pela primeira vez em 1963.

Nos meados dos anos de 1950, Thompson ainda dedicava-se a militância no Partido Comunista da Grã-Bretanha, no qual constituiu com outros historiadores, como Eric Hobsbawm, Christopher Hill, Maurice Dobb, entre outros, o Grupo de Historiadores do Partido Comunista Britânico que se tornou “um dos principais núcleos de elaboração e desenvolvimento do marxismo na Inglaterra” (Fortes et al, 1998, p.21) e que procurou compreender o capitalismo inglês a partir da perspectiva marxista. Porém, a postura de supressão do debate e ocultamento de fatos adotada pela direção do Partido Comunista da Grã-Bretanha no auge do estalinismo divergia da prática utilizada e defendida pelo Grupo de Historiadores. O agravamento dessa situação levou a que, em 1956, vários integrantes do grupo abandonassem o partido, entre eles Thompson.

A saída de Thompson do partido não significou o fim de seu compromisso político. Com outros dissidentes formou o núcleo principal do movimento político que ficou conhecido como Nova Esquerda e com John Saville fundou a revista *New Reasoner* (que, após se juntar a *Universities and Left Review*, passou a se chamar *New Left Review*). Essa revista se constituiu como “espaço aberto tanto do debate e divulgação de reflexões da dissidência comunista quanto de crítica ao estalinismo e à política social-democrata” (Fortes et al, 1998, p. 33).

No início dos anos de 1960, o enfraquecimento do grupo que constituiu a Nova Esquerda, levou expoentes de uma nova geração da esquerda britânica, a Segunda Nova Esquerda, a assumir a direção da *New Left Review*, dando um novo tom ao debate político da revista e da esquerda inglesa, agora fortemente influenciado pelas idéias de Louis Althusser e seu estruturalismo marxista. Essa perspectiva teórica contrastava com a perspectiva de Thompson e a de outros historiadores. Isso é claro nas críticas provocativas de Thompson em *As peculiaridades dos ingleses* em resposta aos artigos de Perry Anderson e Tom Nairn, e a Althusser, registradas em *A Miséria da teoria*.

¹ As informações relativas a esse tópico foram retiradas na sua maioria de FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi; FONTES, Paulo, 1998.

² Conforme Bryan Palmer (apud FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi; FONTES, Paulo, 1998, p. 13) Frank “era a ponte entre as limitações liberais do pai e o potencial do comunismo). Frank foi capturado e morto na Bulgária, em 1944, o que causou muito sofrimento a Thompson.

Nestes textos, Thompson ergue-se contra o dogmatismo, o teoricismo e o determinismo presentes, sobretudo, no marxismo althusseriano.

A partir dos anos de 1980, Thompson volta a se dedicar mais intensamente militância política no movimento pacifista inglês.

Thompson faleceu em 1993, deixando uma produção importante na área de História, como também contribuições teórico-metodológicas riquíssimas para repensarmos as possibilidades de investigação do real, tendo como base o marxismo. E talvez aqui esteja um dos grandes legados de Thompson: a relação que estabelece com a perspectiva teórica de Marx, que segundo ele, longe de se constituir por meio de uma reverência servil, constitui-se como um diálogo, um estímulo que “deve nascer do entendimento da natureza provisória e exploratória de toda teoria, e da abertura de espírito com que se deve abordar todo conhecimento” (Thompson, 1981, p. 186).

Experiência e cultura na abordagem de Thompson

Embora a perspectiva teórica de Thompson, bem como o método adotado por ele em suas pesquisas, possam ser encontrados no conjunto de sua obra, é em sua crítica ao estruturalismo althusseriano, expressado em *A miséria da teoria* que se encontra, de forma mais sistematizada, a compreensão teórico-metodológica desse autor. São apresentadas questões referentes ao conhecimento histórico e também, podemos dizer, sociológico.

Thompson parte do princípio da dialética marxista da historicidade e totalidade de todo fenômeno social. A história é concebida como processo da vida real dos homens e das relações que estabelecem entre si, entre si e a natureza, por meio do trabalho. Conforme Kosik (1995), a história, na perspectiva marxista, é a história do mundo real:

Mundo real é o mundo da práxis humana. É a compreensão da realidade humano-social como unidade de produção e produto, de sujeito e objeto, de gênese e estrutura. O mundo real é o mundo em que as coisas, as relações e os significados são considerados como produtos do homem social, e o próprio homem se revela como sujeito real do mundo social (Kosik, 1995, p. 23).

Por sua vez, o mesmo autor esclarece que totalidade não significa todos os fatos, mas significa “realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato *qualquer* (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido” (Kosik, 1995, p. 44).

Levando em conta o princípio da totalidade e historicidade de todo fenômeno social, pode-se dizer que, para Thompson, entender um processo histórico é buscar, por meio das evidências históricas, apreender como homens e mulheres agem e pensam dentro de determinadas condições: “Estamos falando de homens e mulheres, em sua vida material, em suas relações determinadas, em sua experiência dessas relações, e em sua autoconsciência dessa experiência. Por ‘relações determinadas’ indicamos relações estruturadas em termos de classe, dentro de formações sociais particulares” (Thompson, 1981, p. 111).

Para esse autor, entender a experiência na vida de homens e mulheres reais é compreender o diálogo existente entre ser social e consciência social. Criticando o determinismo presente nas tendências “vulgares” ou ortodoxas do marxismo, Thompson advoga que é por meio da categoria experiência que se “compreende a resposta mental e

emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (Thompson, 1981, p. 15). É pela experiência que homens e mulheres definem e redefinem suas práticas e pensamentos.

A experiência entra sem bater à porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerra de trincheira, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas estão famintas: seus sobreviventes têm novos modos de pensar em relação ao mercado. Pessoas são presas: na prisão pensam de modo diverso sobre as leis. Frente a essas experiências, velhos sistemas conceituais podem desmoronar e novas problemáticas podem insistir em impor sua presença (Thompson, 1981, p. 17).

A categoria experiência permite sair da armadilha do estruturalismo althusseriano que desconsidera o papel dos sujeitos na história e tende a reduzir todos os acontecimentos sociais ao econômico. A noção de experiência torna-se, portanto, chave para superar a contradição entre determinação e agir humano (Fortes et al, 1998, p. 35). Permite compreender homens e mulheres como sujeitos:

...não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* (...) e em seguida (...) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (Thompson, 1981, p. 182).

Thompson introduz a categoria experiência e a articula com a cultura. Segundo Moraes e Müller (2003, p. 12), ambas constituem “um ponto de junção entre estrutura e processo, entre as determinações objetivas do ser social e a possibilidade do agir e da intervenção humanos”. Ao entender a cultura como componente não passivo de análise histórico-social, Thompson reconhece que a experiência vivida, além de pensada é também sentida pelos sujeitos. Conforme ele mesmo afirma:

As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos (...) Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas (Thompson, 1981, p. 189).

Thompson recusa a perspectiva althusseriana de tratar a experiência e a cultura apenas no terreno ideológico. Discorda de que os valores, como expressões culturais, sejam simplesmente impostos pelo Estado, através de seus aparelhos ideológicos. Isso, no entanto, não significa negar que os valores encontram-se perpassados pela ideologia

dominante, mas afirmar o caráter contraditório das necessidades materiais e culturais. E mais uma vez, a categoria experiência se impõe como necessária para ajudar a evidenciar a capacidade de homens e mulheres romperem com condições impostas. Nesse sentido, é importante a distinção feita por Thompson (1981 apud Moraes e Müller, 2003, p. 12) entre experiência I – experiência vivida e experiência II – experiência percebida. A experiência percebida seria a consciência social, nos termos definidos por Marx. A experiência vivida seria aquela resultante das experiências vivenciadas na realidade concreta e que se chocam com a experiência percebida: “a experiência I está em eterna fricção com a consciência imposta e, quando ela irrompe, nós, que lutamos com todos os intrincados vocabulários e disciplinas da experiência II, podemos experimentar alguns momentos de abertura e de oportunidade, antes que se imponha mais uma vez o molde da ideologia” (1981 apud Moraes e Müller, 2003, p. 13). Isso significa que a vivência da experiência não reproduz obrigatoriamente a ideologia dominante; ao contrário, a experiência pode levar a rever práticas, valores e normas e, ao mesmo tempo, pode ajudar a constituir identidades de classe, de gênero, de geração, de etnias (Moraes e Müller, 2003, p. 13). Por sua vez, Thompson critica o reducionismo presente no marxismo althusseriano, que se revela especialmente pelo uso mecânico, segundo ele, da “metáfora base-superestrutura”. Esse reducionismo tem levado a análises históricas e sociológicas que tratam eventos sociais e culturais apenas como consequência da afiliação de classe dos atores:

O erro do reducionismo não consiste em estabelecer essas conexões, mas em sugerir que as idéias ou eventos são, em essência, *a mesma coisa* que o contexto causal; que idéias, crenças religiosas ou trabalho de arte podem ser reduzidos (como se reduz uma equação complexa) aos “reais” interesses de classe que expressam (Thompson, 1998a, p. 92-93).

Para Thompson deve-se levar a sério a autonomia dos eventos sociais e culturais, “os quais, entretanto, são causalmente condicionados por eventos econômicos” (Thompson, 1998a, p. 93). Deve-se considerar que eventos econômicos são também eventos humanos, que, por sua vez, encontram-se entrelaçados com eventos sociais e culturais. Conforme Thompson (1998a, p. 99): “(...) no curso real das análises históricas ou sociológicas (bem como políticas) é de grande importância lembrar que os fenômenos sociais e culturais não correm atrás do econômico após longa demora; estão na sua origem, imersos no mesmo nexos relacional”. É ainda pertinente lembrar que esses fenômenos só adquirem sentido a partir da experiência de homens e mulheres reais. Portanto, na análise de Thompson os fenômenos sociais e culturais ganham relevância e deixam de ser pensados apenas como reflexo imediato da vida econômica. Analisá-los significa, por meio das evidências, investigar suas particularidades e, ao mesmo tempo, perceber como se expressam em condições materiais constituídas historicamente. Assim, os próprios valores de uma sociedade são percebidos fazendo parte desse nexos relacional e principalmente como resultado das experiências humanas:

Os valores não são “pensados”, nem “chamados”; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem nossas idéias. São as normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e “aprendidas” no

sentimento) no “habitus” de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria (Thompson, 1981, p. 194).

É nesse aspecto que se pode entender a recusa de Thompson em aceitar, como demonstrou Silva (1998, p. 53), a noção de classe social como efeito, resultado do modo de produção. Para ele, a classe é um fenômeno histórico, resultado de relações entre os homens reais em contextos reais. Conforme afirma Thompson (1998a, p. 102):

Classe é uma formação social e cultural (freqüentemente adquirindo expressão institucional) que não pode ser definida abstrata ou isoladamente, mas apenas em termos de relação com outras classes; e, em última análise, a definição só pode ser feita através do *tempo*, isto é, ação, reação, mudança e conflito. Quando falamos de *uma* classe, estamos pensando em um corpo de pessoas, definido sem grande precisão, compartilhando a mesma categoria de interesses, experiências sociais, tradição e sistemas de valores, que tem *disposição* para se *comportar* como classe, para definir, a si próprio em suas ações e em sua consciência em relação a outros grupos de pessoas, em termos classistas. Mas classe, mesmo, não é uma coisa, é um acontecimento.

A classe constitui-se no seu *fazer-se*, num movimento ativo que articula ação humana e condicionamentos sociais. É fruto de experiências comuns que podem levar à formação de uma determinada identidade, que por sua vez, se coloca contra a identidade de outros homens em função de interesses materiais e culturais que são opostos (Thompson, 1997, p. 10). Ao tratar classe social como um fenômeno histórico, “definida pelos homens enquanto vivem sua própria história”, Thompson afirma a perspectiva de ver a realidade histórico-social como um movimento contínuo, sujeita a transformações oriundas das lutas de classes. Disso resulta a preocupação metodológica desse autor de que, para ter validade, toda categoria teórica deva ser considerada histórica.

A importância da processualidade histórica a ser contemplada no método

Uma das críticas que Thompson dirige ao estruturalismo althusseriano refere-se à forma como este compreende as categorias teóricas e as utiliza para a compreensão de determinada realidade social. Segundo Thompson, Althusser, em seu método de análise, desconsidera a existência real dos fatos históricos, logo, trata a história como representações conceituais e o conhecimento como fruto exclusivo do pensamento. Portanto, Althusser ignora a relação entre sujeito e objeto do conhecimento, bem como “ignora a experiência e procedimentos específicos em relação à ciência” (Thompson, 1981, p. 24).

Althusser, conforme Thompson, associa-se ao que foi chamado pela tradição marxista de idealismo:

Tal idealismo consiste não em postular ou negar o primado de um mundo material ulterior, mas um universo conceptual autogerador que impõe sua própria idealidade aos fenômenos da existência material e social, em lugar de se empenhar num diálogo contínuo com os mesmos (...). A categoria ganhou primazia sobre seu referente material; a estrutura conceptual paira sobre o ser social e o domina (Thompson, 1981, p. 22).

Thompson reafirma a concepção do materialismo histórico da relação dialética entre sujeito e objeto no processo de construção de conhecimento. Assim, além do idealismo, rejeita, também, a concepção positivista de história “que vê na descrição empírica dos fatos o conhecimento objetivo, de acordo com a realidade”, sendo o conhecimento resultado da contemplação passiva do sujeito sobre o objeto e, portanto, sua cópia, seu reflexo (Ciavatta, 2001, p. 125). Para Thompson, os fatos não falam por si mesmos, mas por meio de procedimentos teóricos:

O objeto real é epistemologicamente inerte: isto é, não se pode impor ou revelar ao conhecimento: tudo isso se processa no pensamento e seus procedimentos. Mas isto não significa que seja inerte de outras maneiras: não precisa, de modo algum, ser sociológica ou ideologicamente inerte. E coroando tudo, o real não está “lá fora” e o pensamento dentro do silencioso auditório de conferências de nossas cabeças, “aqui dentro”. Pensamento e ser habitam um único espaço, que somos nós mesmos. Mesmo quando pensamos, também temos fome e ódio, adoecemos ou amamos, e a consciência está misturada ao ser; mesmo ao contemplarmos o “real”, sentimos a nossa própria realidade palpável (Thompson, 1981, p. 27).

O fato de o objeto real ser epistemologicamente inerte não impede que seja uma parte determinante na relação sujeito-objeto. Veja-se o exemplo dado por Thompson:

...minha mesa (...) Não se conhece nenhum pedaço de madeira que se tivesse jamais transformado a si mesmo numa mesa; nem se conhece qualquer marceneiro que tenha feito uma mesa de ar ou de serragem. O marceneiro se apropria da madeira e, ao transformá-la numa mesa, é governado tanto pela sua habilidade (prática teórica, nascida de uma *história*, ou “experiência”, de fazer mesas, bem como uma história da evolução das ferramentas adequadas) como pelas qualidades (tamanho, grão, amadurecimento) da própria prancha. A madeira impõe suas propriedades e sua “lógica” ao marceneiro, tal como este impõe suas ferramentas, suas habilidades e sua concepção ideal de mesas à madeira (Thompson, 1981, p. 26).

Thompson afirma, portanto, que entre sujeito e objeto existe uma interação dialética no processo de construção do conhecimento que, segundo ele, se forma a partir de dois diálogos:

“(...) primeiro, o diálogo entre o ser social e a consciência social, que dá origem à experiência; segundo, o diálogo entre a organização teórica (em toda a sua complexidade) da evidência, de um lado, e o caráter determinado de seu objeto, de outro” (Thompson, 1981, p. 42).

O segundo diálogo ao qual refere-se Thompson trata da questão entre teoria e fato histórico, devendo ser considerada a partir de relações materiais e culturais determinadas historicamente. Nesse sentido, é importante salientar que para esse autor as categorias teóricas devem ser utilizadas como meios heurísticos no processo de conhecimento e não como verdades acabadas e eternas. Ou seja, considera que as próprias categorias como produtos históricos são também provisórias e sujeitas a modificações no decorrer do tempo, pois: “(...) À medida que o mundo se modifica, devemos aprender a modificar nossa linguagem e nossos termos. Mas nunca deveríamos modificá-los sem razão” (Thompson, 1981, p. 34). Essa perspectiva de Thompson se aplica também para as proposições teóricas de Marx:

Em nosso novo contexto, frente a objeções novas e talvez mais sutis, essas proposições [de Marx] devem ser novamente pensadas e formuladas. Trata-se de um problema histórico conhecido. Tudo deve ser repensado mais uma vez, todo termo deve submeter-se a novos exames (Thompson, 1981, p. 35).

Assim, para Thompson, a teoria não pode ser tratada como um sistema fechado, no qual a realidade histórico-social deve ser enquadrada. Ao contrário, a teoria, por meio dos procedimentos metodológicos adequados, deve estar em permanente diálogo com a realidade. Esse processo de investigação é possível por meio do método da “lógica histórica”:

Por ‘lógica histórica’ entendo um método de investigação adequado a materiais históricos, destinado, na medida do possível, a testar hipóteses quanto à estrutura, causação, etc., e a eliminar procedimentos autoconfirmadores (‘instâncias’, ‘ilustrações’). O discurso histórico disciplinado da prova consiste num diálogo entre conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas, de um lado, e a pesquisa empírica, do outro (Thompson, 1981, p. 49).

Thompson apresenta várias características que ajudam a definir a “lógica histórica” (1981, p. 49-62), entre elas, a afirmação do objeto da história como a “história real”. História que se manifesta, primeiramente, por meio de fatos e evidências, “dotados de existência reais”, que por sua vez tornam-se cognoscíveis através dos “vigilantes métodos históricos”. Observa-se que Thompson, distanciando-se do empiricismo, tem

claro que os fatos e as evidências não se manifestam por si mesmos, mas que devem ser interrogados pela teoria: “A evidência histórica existe, em sua forma primária, não para revelar seu próprio significado, mas para ser interrogada por mentes treinadas numa disciplina de desconfiança atenta” (Thompson, 1981, p. 38). Esse autor, confirmando o caráter histórico de todo conhecimento, destaca como suas características: “(a) ser provisório e incompleto (mas não, por isso inverídico), (b) seletivo (mas não, por isso, inverídico), limitado e definido pelas perguntas feitas à evidência (e os conceitos que informam essas perguntas), e, portanto, só ‘verdadeiro’ dentro do campo assim definido” (Thompson, 1981, p. 49).

Thompson (1981, p. 50) destaca que a evidência histórica possui determinadas propriedades, que limitam as possibilidades de que todas as perguntas tenham resposta. Assim, julga como sendo falsas as teorias que não consideram as determinações da evidência. E continua:

Segue-se dessas proposições que a relação entre o conhecimento histórico e seu objeto não pode ser compreendida em quaisquer termos que suponham ser um deles função (inferência de, revelação, abstração, atribuição ou “ilustração”) do outro. A interrogação e a resposta são mutuamente determinantes, e a relação só pode ser compreendida *como um diálogo*.

Da perspectiva que toma objeto da história como a história real resulta também a compreensão da possibilidade do conhecimento objetivo. Embora de tempos em tempos possam surgir novas perguntas à evidência histórica, “isso não significa absolutamente que os próprios acontecimentos passados se modifiquem a cada investigador, ou que a evidência seja indeterminada” (Thompson, 1981, p. 51). A objetividade do conhecimento existe, ela é possível por meio do diálogo entre conceito e evidência. Diálogo mantido por sucessivas hipóteses que fazem a interlocução com a pesquisa empírica. Desse processo surge o conhecimento, cujo discurso de demonstração é a lógica histórica (Thompson, 1981, p. 61). A teoria não se esgota na própria teoria, nem as evidências encontram-se submetidas a regras históricas. O diálogo existente entre teoria e evidência exige que os conceitos e regras históricas sejam dotados de extrema elasticidade.

Nesses termos, as teorias e suas categorias são elas também históricas, portanto, sujeitas a se modificarem como resultado da relação dialética que estabelece com as evidências. Assim, conforme Zurba (2003, p. 48) “... o conhecimento histórico deve implicar, sempre, na observação dos fatos no *tempo*. Um momento histórico é sempre resultante de processos anteriores, mas isso não aprisiona o investigador ao passado, ao contrário, pode auxiliá-lo na compreensão do presente”.

Em Thompson existe a recusa de tratar a totalidade conceitual presente no materialismo histórico como uma “verdade” teórica acabada ou como um “modelo” fictício. Para ele trata-se de um “conhecimento em desenvolvimento, muito embora provisório e aproximado, com muitos silêncios e impurezas”. (Thompson, 1981, p. 61).

Nesse sentido, para Thompson, um dos erros cometidos por Althusser foi tratar a teoria como verdade suprema, inquestionável, utilizar categorias e conceitos de forma rígida; um método em que a realidade é ignorada como processo histórico, devendo apenas encaixar-se nos esquemas teóricos. Referindo-se à classe social, observa: “Contudo, a esta altura, ocorre, que com excessiva frequência, a teoria prevalece sobre o fenômeno histórico que se propõe teorizar. É plausível supor que a classe seja levada em

consideração, não no quadro do processo histórico, mas abstratamente” (Thompson, 1998b, p. 97). Dessa forma, esquece-se que as classes se formam historicamente, de forma que dependem das condições concretas e particulares em que estão situadas, e que devem ser analisadas e não supostas como dadas.

À medida que a realidade histórico-social torna-se um objeto passivo no processo de conhecimento, aguardando ser integrada pela teoria, a história torna-se uma história sem sujeitos, uma vez que os indivíduos também são convidados a se acomodar em esquemas teóricos acabados. Poderia se dizer, conforme Giroux (1986 apud Silva, 1990, p. 165)³, “que os seres humanos são relegados a atores estáticos, portadores de significados pré-definidos, agentes de ideologias hegemônicas inscritas em seu psiquismo como cicatrizes irremovíveis”.

Essa crítica também aparece em Thompson quando denuncia o tratamento dado por muitos marxistas e não marxistas à categoria de classe social:

Nenhuma categoria histórica foi mais incompreendida, atormentada, transfixada e des-historizada do que a categoria de classe social; uma formação histórica autodefinidora que homens e mulheres elaboram a partir de sua própria experiência de luta, foi reduzida a uma categoria estática, ou a um efeito de uma estrutura ulterior, das quais os homens não são os autores, mas os vetores (Thompson, 1981, p. 57).

Portanto, para Thompson as categorias teóricas, embora imprescindíveis no processo de construção do conhecimento científico, devem estar em permanente diálogo com a realidade. Só assim são capazes de ajudar a compreender as mudanças em curso em determinada realidade histórico-social. Isso significa, na perspectiva desse autor, entender a realidade social em seu movimento e complexidade, na qual, sob condições determinadas, homens e mulheres constituem-se como sujeitos.

Possibilidades de análises...

A partir das questões levantadas, como as contribuições teórico-metodológicas de Thompson podem ajudar a compreender a juventude rural na atualidade?

Urresti e Margulis (1996, p. 17), observam que muitos estudos têm desmaterializado a categoria juventude e “como puede suceder en algunos enfoques culturalistas, cuando el aspecto signo invade la totalidad de un fenómeno social, lo fragmenta y, por ende, lo empobrece”. Por outro lado, existe uma tendência que desconsidera a própria categoria juventude, pois mesmo entendida como categoria sempre acabaria por ser dominada por relações de classe (Paes, 1996, p. 44). Nesse sentido, o jovem encontra-se totalmente determinado por sua classe social de origem.

Conforme os autores citados, conclui-se que ambas as análises sobre a juventude pecam pelo seu reducionismo: seja cultural ou material. Nesse sentido, acredita-se que a categoria experiência, formulada por Thompson, pode ajudar a compreender a

³ Henry Giroux dirige sua crítica ao tratamento dado pelas Teorias da Reprodução à educação nos anos de 1970. Entre os teóricos da reprodução, está Louis Althusser, que ficou conhecido entre os estudiosos da educação por meio de seu ensaio *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*.

juventude a partir da dialética entre ser social e consciência social. Ou seja, os jovens seriam analisados como sujeitos reais que vivem, pensam, sentem suas experiências e dão respostas ao contexto histórico-social em que se encontram inseridos. Que tipo de respostas? Respostas determinadas por sua classe de origem, raça, etnia, gênero, por “sua condição juvenil”? O próprio Thompson (1981, p. 189) indica a resposta: “As maneiras pelas quais qualquer geração viva, em qualquer ‘agora’, ‘manipula’ a experiência desafiam a previsão e fogem a qualquer definição estreita da determinação”. Ou seja, as respostas não estão dadas, mas estão sendo construídas, num processo no qual questões como classe e cultura encontram-se entrelaçadas e, ao mesmo tempo que se constituem determinantes, tornam-se também determinadas por meio das brechas que abertas pela experiência.

Tratando-se especificamente dos jovens rurais, a análise deve levar em conta a realidade em que vivem no campo com dificuldades e privações, a dupla pressão cultural em que se encontram: de um lado, uma cultura tradicional que se impõe por meio dos adultos, e de outro, uma cultura que se impõe através dos meios de comunicação de massa e especialmente, por meio do contato com outros jovens moradores das cidades. Como os jovens rurais respondem a isso? Em que medida emergem novas respostas e em que medida se reproduzem as estruturas dominantes?

Tais questionamentos são possíveis; parte-se do princípio onto-metodológico da lógica histórica em que o ser social e a consciência social, as evidências e os conceitos, encontram-se em permanente diálogo, o que caracteriza a historicidade tanto do objeto a ser investigado, como das categorias utilizadas no processo de investigação. Nesse sentido, a própria juventude é considerada uma categoria construída historicamente e sujeita às mudanças sociais. Além disso, a juventude não é vista isoladamente, mas articulada a condições materiais e culturais.

Considerações finais

Este trabalho possibilitou um resgate das contribuições teórico-metodológicas de E. P. Thompson que podem ser úteis para a análise da realidade histórico-social e especificamente para a compreensão da juventude.

Sem abandonar os princípios ontológicos de Marx, Thompson procurou romper e superar um marxismo dogmático e determinista. Propôs, como historiador e pesquisador, colocar-se em permanente diálogo com Marx, de modo a permanecer fiel ao próprio legado desse autor, ou seja, a perspectiva de análise da condição histórica da realidade e, portanto, sujeita a mudanças. Para Thompson, assim como os fenômenos sociais são caracterizados pela historicidade, da mesma forma devem ser tratadas as categorias teóricas.

É nesse sentido que Thompson propõe a utilização da categoria experiência para a análise da realidade histórico-social. Para ele, por meio dessa categoria, pode-se perceber o diálogo entre ser social e consciência social. Através da experiência existe a possibilidade de perceber um determinado objeto a ser estudado em seu movimento e não como algo inerte, passivo, esperando para ser desbravado por alguma teoria. Da mesma forma, as categorias são revistas, reformuladas quando se colocam em diálogo com as evidências.

A categoria experiência permite ainda, perceber o entrelaçamento de fatores econômicos, sociais e culturais, desviando-se, portanto, de uma análise determinista e mecânica. Em Thompson, o estudo da cultura reveste-se de suas particularidades e não é tratado apenas como reflexo passivo do econômico. Vale ainda considerar que

Thompson, num desafio de recuperar o papel dos sujeitos na história, não se cansa de dizer que se trata da experiência de “homens e mulheres” reais, em contextos determinados material e culturalmente. A partir da experiência que vivenciam no seu dia a dia, podem reproduzir práticas, pensamentos e sentimentos dominantes, como também alterá-los, dar-lhes novo significado e mesmo transformá-los.

Considerando essa perspectiva, conclui-se que Thompson contribui para a análise da juventude do campo na atualidade, especialmente por indicar um caminho metodológico complexo e estimulante: perceber os jovens e as jovens rurais em seu movimento, o que pressupõe o exercício como pesquisador(a) de se colocar em constante diálogo com o objeto a ser investigado. Além disso, a partir de Thompson, pode-se estudar a juventude rural na sua relação com o todo social estruturado que é a realidade (Moraes e Muller, 2003, p. 6), mas também nas suas particularidades, redefinindo e reafirmando os pressupostos teóricos principais elaborados por Marx.

Referências bibliográficas:

- CIAVATTA, Maria. *O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações*. In. : CIAVATTA, Maria; FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.). **Teoria e educação no labirinto do capital**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 121-144.
- FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio; FONTES, Paulo. *Peculiaridades de E. P. Thompson*. In.: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). **E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998. vol. 2, p. 11-46. (Coleção Textos Didáticos)
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- LÖWY, Michael. **Por um marxismo crítico**. *Lutas Sociais*, São Paulo, 1997, n. 3.
- MARGULIS, Mario (ed.) *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30.
- MORAES, Maria Célia Marcondes de; MÜLLER, Ricardo Gaspar. **Tempos em que a “razão deve ranger os dentes”: E.P. Thompson, história e sociologia**. In.: *XI Congresso Brasileiro de Sociologia/SBS*. Campinas: Unicamp, 2003.
- PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1996.
- SILVA, Sérgio. *Thompson, Marx, os marxistas e os outros*. In.: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). **E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998. v. 2. (Coleção Textos Didáticos).

- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Retomando as teorias da reprodução.** *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 1, 1990.
- THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-14.
- _____. *As peculiaridades dos ingleses.* In.: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). **E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998a. v. 1. (Coleção Textos Didáticos)
- _____. *As peculiaridades dos ingleses.* In.: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). **E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998b. v. 2, p. 57-106. (Coleção Textos Didáticos)
- ZURBA, Magda do Canto. **Modos de subjetivação na vida cotidiana: um estudo na Vila Cachoeira.** *Tese de doutorado*, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.